

DEMOCRACIAS, GOLPES E REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS

XVIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA,
VIII COLÓQUIO DO PPGH



“O LIXO VAI FALAR E NUMA BOA”: REFLEXÕES DE LÉLIA GONZALEZ NO ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA

Mariana Prudente da Silva¹

Mestranda em História

Universidade Católica de Pernambuco

marianaprudente2019@gmail.com

Este artigo é uma continuidade do trabalho reflexivo e analítico sobre a falta de visibilidade do protagonismo negro no currículo de História e nos livros didáticos. Apesar das lutas dos movimentos sociais negros em favor da inclusão e da garantia de direitos da população negra, das quais resultaram na promulgação da Lei 10.639/03 há vinte e um anos, da conquista da Lei de Contas e do avanço das discussões em relação à Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), é perceptível que ainda precisamos refletir sobre a permanência de narrativas e práticas de caráter eurocêntrico no ambiente

¹ Mariana Prudente da Silva é graduada em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Especialista em Gestão e Preservação do Patrimônio e Inovação em Pesquisa Histórica pela UNICAP, e mestranda no Programa de Pós – Graduação em História (PPGH – UNICAP).

escolar. Nesta perspectiva a intelectual Lélia de Almeida Gonzalez nos convida a pensar e falar sobre as relações de sociabilidade no Brasil a partir da intersecção de gênero, raça e classe, que atravessam corpos e mentes, assim como nos propõe a construção de diálogos e pontes para um ensino de História combativo e antirracista, que retire o(a)s inviabilizado(a)s das margens da História, dando-lhes vez, voz e humanidade dentro dos debates historiográficos.

Palavras-chave: Ensino de História; Antirracista; EREER.

TRAJETÓRIA E REFLEXÕES DE LÉLIA GONZALEZ

O título do artigo faz parte de uma das falas proferidas pela intelectual Lélia Gonzalez ao afirmar que *o lixo vai falar e numa boa*. Gonzalez faz uma alusão ao que muito(a)s pensavam sobre a população negra, que historicamente foi deixada a margem, sendo excluída dos espaços de poder e da participação política. Neste caso, o termo o “lixo” é utilizado ironicamente para se referir o(a)s negro(a)s e a questão da “fala” que sempre foi considerado uma ferramenta poderosa, que denuncia, revela situações e descontentamentos, ela é mencionada propositalmente, pois se por muito tempo lhes foi negado o poder de falar, agora retoma-se essa busca para expressar-se publicamente, denunciando o racismo e as diversas opressões vivenciadas pelo(a)s afrodescendentes.

Nessa perspectiva podemos refletir sobre os estudos da escritora Grada Kilomba, na obra *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, especialmente no primeiro capítulo – *A máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização* quando Kilomba menciona as práticas de torturas empregadas no sistema escravista, sendo uma delas a máscara do silenciamento, que impediam o(a)s escravizado(a)s de comer, mas também de falar.

“A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala, a anunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/ os brancas/os querem – e precisam – controlar e, consequentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado.” (Kilomba, 2019, p. 33-34).

Assim conseguimos compreender as semelhanças entre o passado - presente e as diversas formas de silenciamentos impostos as minorias ao longo do tempo, ao mesmo passo que a “desobediência”, as formas de resistência e a militância foram fundamentais

no processo de conquistas de espaços e de direitos básicos previstos na Constituição Federal de 1988 (Constituição Cidadã), bem como na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

A militância é o caminho para a transformação dos diversos grupos sociais, e nesse universo de enfrentamentos temos como destaque Lélia de Almeida Gonzalez. A qual sua trajetória inicia

“No dia primeiro do mês de fevereiro de 1935, uma menina nasceu e foi registrada no cartório da jovem cidade Belo Horizonte como Lélia de Almeida, penúltima dos dezoito filhos do casal Urcinda Serafim de Almeida e Acácio Joaquim de Almeida. Dona Urcinda, que a teve aos 36 anos de idade, era uma empregada doméstica de ascendência indígena. Seu Acácio, um ferroviário negro.” (Ratts, 2010, p. 21).

Por questão de necessidade a família de Lélia migra de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, com a finalidade de melhorar as condições de vida, e também para promover o ingresso do seu irmão mais velho Jaime de Almeida no Clube de Regatas Flamengo. A partir dessas mudanças a pequena Lélia de Almeida começa a experienciar outras vivências e visões de mundo, pois ainda na infância foi chamada para “trabalhar” como babá dos filhos dos diretores do clube Flamengo, no entanto diante das condições degradantes do trabalho, preferiu ir adiante com os estudos, concluindo a educação primária, atualmente conhecida como Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio, assim como fez graduação em História e Geografia, além de filosofia pela Universidade Estadual da Guanabara, atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e atuou como professora no ensino básico e superior.

Percebe-se que a trajetória pessoal e intelectual de Lélia de Almeida é marcada primeiramente por uma família inter-racial formada por indígena e negro, dois “universos” que se constrói mediante aos diversos embates contra opressões ao longo da história do Brasil, como também apresenta o fenômeno social denominado de “migração” – movimento de deslocamento populacional ligado a inúmeras razões, das quais evidenciam as necessidades de sobreviver, outro fator interessante é que desde cedo Lélia estava inserida nos debates sobre sindicalismo, o qual era proferido pelo seu pai, o senhor Acácio. Então a questão de gênero, raça e classe estavam entrelaçadas a vida de Lélia A., igualmente aproximação com os movimentos sociais negros, visto que

no início do século XX foi fundado a Frente Negra Brasileira (FNB)², com o objetivo de combater a discriminação racial, de integrar e garantir os direitos básicos da população negra perante a sociedade brasileira.

Durante a vida adulta Lélia A. casou com Luiz Carlos Gonzalez, um homem branco de origem espanhola, e foi justamente nessa relação inter-racial que ela começou a analisar a complexidade da questão racial e do racismo no Brasil, da qual ela como mulher negra se via imersa. Uma vez que o matrimônio não foi “bem visto” pela família de Luiz Carlos, precisamente por Lélia ser uma mulher negra. É notável o surgimento de conflitos familiares, dos quais evidenciam as violências de gênero e de raça sofridas por Almeida, além de ter contribuindo diretamente na saúde mental e posteriormente no suicídio de L. Carlos. Com base nessas experiências Lélia de Almeida adota o sobrenome “Gonzalez” do esposo falecido como um ato de resistência e começa a se debruçar na psicanálise de Lacan³ para compreender o racismo. Tal como

“a busca pessoal de Lélia e seu encontro com psicanalistas acabaram ecoando na abordagem sobre a cultura feita por esses profissionais ao se voltarem para expressões como umbanda, samba e carnaval, como aponta Betty Milan em entrevista.” (Ratts; Rios, 2010, p. 61).

As escrevivências⁴, ou seja, os escritos imbricados as vivências, foram

² Frente Negra Brasileira (FNB) foi um movimento social negro que surgiu no Brasil, na década de 1930, com o objetivo de combater o racismo, de promover o ingresso da população negra na política e garantir os direitos básicos que não foram incluídos na Lei Áurea. Resultando em vários embates para a população negra no Pós- Abolição. Para mais informações e aprofundamentos sugiro a leitura da matéria *A Frente Negra Brasileira*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/>. Acessado em: 06 dez. de 2024.

³ Psicanálise de Lacan é um estudo voltado à compreensão da mente humana através das relações biológicas e fisiológicas iniciados por S. Freud, sendo que Jacques Lacan vai inovar as teorias, conceitos e práticas dentro do campo psicanalítico. Para mais informações sobre a psicanálise e a trajetória de Jacques Lacan sugiro a leitura das matérias *Como Lacan renovou a psicanálise e aproximou das Ciências Humanas*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/como-lacan-renovou-a-psicanalise-e-a-aproximou-das-ciencias-humanas/>. Acessado em: 07 dez. de 2024.

Uma síntese de Jacques Lacan. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/jacques-lacan-resumo/>. Acessado em: 07 dez. de 2024.

Escrevivências foi um termo cunhado pela intelectual Conceição Evaristo, ao afirmar que os nossos escritos estão profundamente ligados às nossas vivências. Para mais informações e aprofundamento

fundamentais para a criação dos termos *Amefricana*⁵ e *Pretoguês*⁶ ambos refletem sobre o nosso passado marcado pelo colonialismo e pelas permanências da colonialidade. Entender o movimento do(a)s intelectuais por meio da sua origem, interações e diálogos é uma forma de compreender suas análises e pesquisas.

AS CONTRIBUIÇÕES DE LÉLIA GONZALEZ E DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Lélia Gonzalez também esteve diretamente ligada ao Movimento Negro Unificado (MNU), que foi fundado na década de 1970, durante a Ditadura Civil-Militar período marcado por censuras, proibições e muitas represálias. Então, imaginar a criação de uma organização social que se propôs a enfrentar e combater o racismo num momento delicado pode ser considerado um ato revolucionário e perigoso, que poderia acarretar em consequências significativas. Para, além disso, sabemos que o levantamento de pautas sociais (mazelas) como a insegurança alimentar, moradia, pobreza, desigualdades sociais e de gênero, assim como questões raciais poderiam ser

sugiro a leitura da matéria *Escrevivência*. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/escrevivencia>. Acessado em: 07 dez. de 2024.

⁵ Amefricana foi um termo cunhado pela intelectual Lélia Gonzalez, que dá ênfase na formação histórica – cultural do Brasil, além de afirmar a presença negra na América desde os primórdios. Para mais informações e aprofundamento sugiro a leitura do artigo *A categoria político - cultural de amefricanidade*. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-categoria-politico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acessado em: 07 dez. de 2024.

⁶ Pretoguês foi um termo criado pela intelectual Lélia Gonzalez, que afirma que o nosso português recebeu influências das línguas nígero-congolesas (banto) no período colonial, formulando novas palavras e outros sotaques, por isso a junção de “Preto” + “guês” forma o “Pretoguês”. Para mais informações sugiro a leitura da matéria *O pretoguês de Lélia Gonzalez*. Disponível em: <https://www.introcrim.com.br/o-pretugues-de-lelia-gonzalez/>. Acessado em: 07 dez. de 2024.

interpretadas como ações subversivas, levando muitas lideranças a serem investigadas, presas e torturadas, mesmo assim o MNU, organizações sociais e entidades mantiveram-se “firmes” na luta. Como é possível visualizar no trecho da carta convocatória do Movimento:

“Nós entidades negras, reunidas no Centro de Cultura e Arte Negra no dia 18 de junho, resolvemos criar um movimento no sentido de defender a comunidade afro-brasileira contra a secular exploração racial e desrespeito humano a que a comunidade é submetida.” (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 55).

Outra peculiaridade interessante dentro dos movimentos sociais, especialmente o Movimento Negro Unificado, do qual o(a)s integrantes lutavam contra a mesma opressão, que no caso era a racial, ao mesmo tempo que praticavam a exclusão e a violência de gênero no interior do movimento. “As ativistas eram unânimes em ressaltar a postura e o comportamento machista de seus companheiros militantes. Nas entidades, homens agiam de modo autoritário, controlavam as falas das mulheres, faziam ameaças verbais e dominavam as estruturas decisórias.” (Ratts, 2010, p. 95). A participação das mulheres negras nos movimentos proporcionou a ampliação de debates e inclusão desses espaços de militância.

Sendo assim, os propósitos do MNU era de promover a inclusão do(a)s negro(a)s nos espaços de visibilidade, poder e decisão, mas também de garantir direitos básicos. A educação era uma das pautas discutidas. Segundo a intelectual Nilma Lino Gomes, O movimento Negro é educador, porque suas propostas atravessavam o campo da educação, tanto que os embates da segunda metade do século XX acarretaram na conquista da Lei de Cotas do Ensino Superior (Lei nº12.711/12) possibilitando o ingresso de pessoas negras e pardas na academia, o reconhecimento do Dia da Consciência Negra, como uma data que celebra a trajetória marcada por luta e resistência de Zumbi dos Palmares e de toda a população afro-brasileira, assim como as legislações 10.639/03 e 11.645/08,

que modificaram a Lei de Diretrizes e Bases (LDB / Lei nº 9.394/96) e tornaram obrigatório o ensino da história da África, cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino do Brasil de âmbito público e privado. Como também teve grande relevância na inclusão e reconhecimento das demandas das minorias na CF/88, da promulgação da Lei nº 7.716/89 que tipificou o racismo como crime. A carta magna de 1988 foi promulgada cem anos depois da Abolição da escravatura, o que revela ainda mais sua importância no debate racial.

As lutas passadas refletem nas conquistas do presente. Os debates e estudos promovidos por Lélia Gonzalez nos faz refletir o entendimento sobre as relações de sociabilidade atuais a partir de análises do passado. Gonzalez faz uma leitura do Brasil através da dinâmica colonial, que tem como marca a escravidão e o racismo focalizando na figura da mulher negra, que está na base da pirâmide social. No artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Lélia Gonzalez reflete sobre pontos importantes como as festividades brasileiras (carnaval), questões culturais, a figura da mulher negra no passado como a mucama e escravizada e a mulher negra na atualidade, bem como enfatiza a questão da sexualidade, criticando e problematizando sistematicamente a *Democracia racial*⁷, a qual recebe o nome de *Mito da Democracia Racial*, justamente por entender que a democracia se faz mediante a participação popular e não da exclusão ofertada pelo racismo. Além disso, Gonzalez criou o termo *neurose cultural brasileira* que significa que ao mesmo tempo em que existe admiração pela cultura negra existe a repulsa em relação ao / a negro(a), uma espécie de desejo x proibição.

Todo o movimento realizado por Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Januário García, Oliveira Silveira, entre outro(a)s intelectuais foi fundamental para a consolidação da Educação para Relações Étnico-Raciais (ERER) ligada as legislações 10.639/03 e 11.645/08 como instrumentos de combate ao racismo e no fomento de uma educação pautada no antirracismo nos ambientes escolares. Uma

⁷ Democracia Racial foi um conceito criado durante o século XX, que nega o racismo e afirma uma possível harmonia entre as raças. Esse discurso buscou “maquiar” as tensões raciais no Brasil.

educação antirracista e (Ensino de História) pode estabelecer positivamente a construção da identidade racial negra, a ampliação da justiça social, da cidadania e equidade.

“Com efeito, a Lei nº 10.639/03, resultado de uma história de luta dos descendentes de africanos, impõe aos educadores a tarefa de ensinarem aos seus discípulos que o continente africano é o berço da humanidade, no qual surgiram os ancestrais de todos os homens e mulheres. É preciso ensinar que desse lugar saíram, há cem mil anos, nossos ancestrais para povoar o mundo. Nesse lugar surgiram as civilizações mais antigas – por exemplo, o Egito, que exerceu grande influência sobre as bases da constituição do que conhecemos como civilização ocidental.” (Deus, 2020, p.74).

As legislações devem ser vistas como o ideograma africano *Sankofa* que nos ensina o movimento de olhar para trás, recolher o que foi deixado pelo caminho, para depois seguirmos em frente. É o movimento marcado pelo empoderamento e compromisso político com a história ancestral. Desconstruindo estereótipos que foram criados ao longo do tempo, que só tem o propósito de desumanizar as trajetórias de personalidades históricas, bem como devemos romper com a história única como menciona a intelectual nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, e assim propor novos debates entre docentes e discentes, e contribuir na formação da consciência histórica como nos convida o historiador Luis Fernando Cerri.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de; TRAPP, Rafael Petry. *É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 41, nº 88, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/twzH93CnWDDZSCCzHtKyqxx/>. Acesso em: 10 ago. de 2024.

BREDER, Débora; RODRIGUES, Geresa Faria. *Educação antirracista: um caminho para a garantia de direitos*. Cadernos em favor de igualdade racial. Acre, v. 6, nº 2, 2023, p. 74 - 88. Disponível em: <file:///C:/Users/Mariana%20Prudente/Downloads/6594-Texto%20do%20artigo-24054-3-10-20231003.pdf>. Acesso em: 10 ago. de 2024.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de História e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

DEUS, Zélia Amador de. *Caminhos trilhados na luta antirracista*. Belo Horizonte: Autêntico, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*, Revista Ciências Sociais Hoje, 1984, p. 223 – 244. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 10 jul. de 2024.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*; tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Marcia; RIOS, Flávia (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano – Lélia Gonzalez: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MUNANGA, Kambeguele. *Negritude: usos e sentidos*. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RATTS; Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo negro, 2010.